



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



VICTOR DE SÁ MACHADO IN MEMORIAM

Conheci Victor de Sá Machado em Coimbra, com a distância que na época era devida por um caloiro a um quintanista e aluno distinto da Faculdade de Direito.

Reencontrámo-nos cinco anos depois, nos pré-fabricados da Avenida de Berna, quando vim, como presidente do CITAC, pedir à Fundação Gulbenkian um subsídio para o teatro. Em fins de 1972 ou início de 1973, já Administrador, convidou-me para uma reunião na Fundação, em que esteve também o Dr. Luís Moreno. Queria ouvir a minha opinião sobre uma questão que o preocupava: o sobredimensionamento da orgânica da Instituição.

Depois do 25 de Abril, cruzámo-nos várias vezes, em posições diferentes, mas partilhando as esperanças e algumas ilusões dos primeiros tempos da democracia.

Em 1994, quando o Professor Ferrer Correia me convidou para o Conselho Consultivo Geral, lembro-me que Victor de Sá Machado me disse: “Vai descobrir um desafio estupendo!”

Depois, já colegas na Administração, muitas vezes repetiu esta ideia.

Era a sua maneira de viver a Fundação que serviu durante cerca de quarenta anos.

Com o seu prematuro falecimento, a Instituição perdeu parte da sua história e do seu património.

Na Fundação, construiu Victor de Sá Machado uma carreira em que a sua vida

e a vida da instituição se entrelaçaram de modo quase indistinguível. Aqui se realizou, defendendo sempre que na Fundação só não se fazia o que não se sabia ou não se queria fazer. Aqui foi construindo o que tinha sonhado, concretizar o “golpe

de asa” que o animava, viver a liberdade de pensamento e de acção que tanto valorizava nos que com ele viveram esta “aventura colectiva”.

Quis ser recordado como o presidente ligado à renovação e a uma maior abertura da Fundação à sociedade que serve. Gostaria de ser lembrado como o homem que abriu a janela e iniciou um *aggiornamento*, mas sempre com a preocupação de *steer with care*, nas palavras de uma das personagens de Joseph Conrad que tanto gostava de citar.

A sua atitude foi sempre marcada, mesmo nos períodos mais difíceis que aqui viveu, pela elegância, dignidade, sentido ético e pela consciência aguda que a exigência e o rigor começam na prática individualmente assumida dos valores em que se acredita. Dele nos fica a imagem e a recordação de um homem inteligente e generoso, de sensibilidade apurada, debatendo cada assunto até ao limite, com o sentido da solidão e da liberdade dos grandes espaços africanos onde nasceu e que, da Fundação, nunca deixou de acompanhar.

O apreço pelo seu carácter e pelo seu modo de estar na vida e na Fundação, são a expressão da admiração e do respeito que todos temos por ele e que tornam tão sentida a sua perda. ■

IN MEMORIAM

EMÍLIO RUI VILAR



PÁGINA DE UMA MEMÓRIA COMUM

JOSÉ BLANCO
Administrador

Victor de Sá Machado e eu fomos companheiros de trabalho durante mais de quarenta anos ao serviço da Fundação. Entrou para os quadros da Instituição em Janeiro de 1960 (um ano antes de mim) iniciando a sua actividade no Serviço de Educação, onde tinha a responsabilidade pelos projectos do que nesses tempos se chamavam as actividades circum-escolares. Integrado na Secretaria da Presidência, iniciei a minha actividade em Fevereiro de 1961 no sector dos petróleos, tendo partido pouco tempo depois para Londres a fim trabalhar na empresa britânica através da qual a Fundação geria os seus interesses petrolíferos no Médio Oriente. Em Abril de 1963, as nossas carreiras na Fundação encontraram-se pela primeira vez. Juntamente com Pedro da Cunha, Victor de Sá Machado e eu passámos a integrar o Serviço da Presidência, com a categoria de directores-adjuntos e trabalhando directamente sob as ordens do Doutor Azeredo Perdigão. Na gíria da casa, éramos designados por “Os Três Mosqueteiros”... Durou cerca de dois anos essa coabitação, de que guardo as mais gratificantes recordações. Mas as nossas carreiras iam, todavia, diversificar-se. No Verão de 1963, o Doutor José de Azeredo Perdigão, acompanhado por Victor de Sá Machado, fez uma viagem de quarenta e um dias às então províncias ultramarinas de Moçambique e de Angola, a convite dos respectivos Governadores, o Almirante Sarmiento Rodrigues (que, aliás, sempre manifestou grande amizade e admiração por Sá Machado) e o Coronel Silvino Silvério Marques. No regresso dessa longa visita, Victor de Sá Machado elaborou um relatório que o Conselho aprovou, estabelecendo as grandes linhas de orientação que deveriam disciplinar a actuação na Fundação no então Ultramar português.

Foi essa, a meu ver, uma das suas primeiras e mais importantes contribuições de fundo para a definição da missão da Fundação na sociedade de então. Dois anos mais tarde, em Janeiro de 1965, o Conselho de Administração criava um novo Serviço da Fundação – então chamado Serviço do Ultramar – do qual Victor de Sá Machado foi, naturalmente, nomeado Director. E foi já nessa qualidade que voltou a acompanhar o Presidente da Fundação numa viagem a Cabo Verde e à Guiné. Desde então, a Fundação, que, antes de 1963, já tinha concedido importantes subsídios às Províncias Ultramarinas, nomeadamente no sector da Saúde Pública, passou a exercer nelas uma acção sistemática, ganhando unidade e expressão próprias. A partir de ano que já não recordo, Sá Machado e eu passámos, todavia, a trabalhar juntos uma vez por ano (normalmente em Dezembro), integrando uma comissão constituída também pelo Director e pelo Director-Adjunto do Serviço de Contabilidade (respectivamente o saudoso António da Costa Isidoro e Benito González Esteves, hoje reformado), que revia os vencimentos dos funcionários da Fundação, propondo ao Conselho os aumentos e as promoções que, em sua justiça, achava merecidos. Era um trabalho de tipo que se diria familiar, impossível de imaginar nos dias de hoje; mas os quadros da Fundação ainda não eram numerosos, conhecíamos praticamente todo o pessoal e baseávamos as nossas propostas no conhecimento directo dos méritos de cada funcionário, usando de critérios de justiça, bom-senso e generosidade. Não me lembro de qualquer das nossas propostas ter sido objecto de reclamação indignada por parte de algum membro da “família”, que então trabalhava nos pavilhões pré-fabricados, à beira da Avenida de Berna. Lembro-me, sim, que a natural generosidade de

Victor de Sá Machado se chocava, por vezes, com os critérios mais apertados do excelente Senhor Isidoro, que trouxera da MUNDET a sua prática de gestão de pessoal de uma empresa comercial. A partir de Outubro de 1969, passei a encontrar-me todas as semanas com Victor de Sá Machado: nessa data foi ele cooptado pelo Conselho de Administração, do qual eu era, desde Janeiro desse ano, o Secretário. O local de encontro era, evidentemente, a sala onde todas as semanas se reunia o Conselho. Outra ligação funcional que tivemos foi no contexto das actividades internacionais – mais precisamente europeias – da Fundação. Em 1972, Sá Machado foi eleito membro do Hague Club, a associação de dirigentes de fundações europeias criada no ano anterior e na qual estavam representadas as mais importantes instituições deste tipo. Sucedi-lhe no cargo alguns anos depois e até hoje. Por “malhas que o império tece”, Victor de Sá Machado e eu estivemos, durante um período das nossas vidas, separados da Fundação. Eu por razões de mobilização militar para a Guiné e ele por razões políticas decorrentes do período conturbado que se seguiu ao 25 de Abril, fomos forçados, em épocas diferentes, a suspender as nossas carreiras. Terminada a guerra de África e findo o período revolucionário, ambos retomámos as nossas funções: em Setembro de 1974 fui cooptado para o Conselho, tornando-me seu colega em 1979, quando ele voltou a ser eleito, depois de uma passagem pela vida política. Em Dezembro de 1998, Victor de Sá Machado sucedeu ao seu antigo mestre em Coimbra e grande amigo, Prof. Doutor Ferrer Correia, no cargo de Presidente do Conselho de Administração da Fundação, para o qual, tal como o seu antecessor, foi eleito de acordo com as normas em vigor. Para além das suas inegáveis qualidades, era, nessa altura, o Administrador mais antigo em funções, relativamente à sua primeira cooptação para o Conselho. A sua morte prematura, quando tanto havia ainda que esperar dele, foi um severo golpe para a Fundação. Mas, até ao fim, demonstrou uma enorme coragem, lutando, sem nunca perder a esperança, contra a doença que acabou por o vitimar e, ao mesmo tempo, conservando até ao fim o seu apego à instituição que, tal como me acontece, foi a vocação exclusiva de uma vida inteira. Comovidamente recordo a sua memória de companheiro de trabalho e de amigo. ■



2000 – No Centro Cultural Calouste Gulbenkian de Paris com Leonardo Mathias e José Blanco



1969 – Visita de Marcelo Caetano à Sede da Fundação.



Fevereiro de 1982 – Em Paris com o Director-Geral da UNESCO, Amadou-Mahtar M’Bow, José Blanco e José Pina Martins, na cerimónia de oferta de livros da Fundação à UNESCO.



1989 – Recebendo a medalha comemorativa dos 20 anos de funcionário da Fundação, entregue por José de Azeredo Perdigão.

VICTOR DE SÁ MACHADO

EDUARDO MARÇAL GRILO

Administrador

MANUEL CARMELO ROSA

Director do Serviço de Educação e Bolsas



Maio de 1999 – Com o Presidente da Assembleia da República, Almeida Santos e Eduardo Marçal Grilo, na sessão solene de abertura da exposição “A Fundação e os 25 anos de Eleições Democráticas”.



Dezembro de 1998 – Com Manuel Carmelo Rosa na tomada de posse.



Durante uma visita a Angola.

Tivemos o privilégio, o gosto e a honra de conhecer e trabalhar muito de perto com o Doutor Victor de Sá Machado nos últimos vinte anos, sobretudo enquanto Directores do Serviço da Cooperação da Fundação Calouste Gulbenkian. Não teremos mais autoridade do que muitos outros para falar sobre esta grande personalidade da vida pública portuguesa, mas a amizade que ambos fizemos com ele ao longo dos últimos anos e sobretudo a possibilidade que tivemos de com ele viajar em inúmeras ocasiões e para as mais diversas partes do mundo, deram-nos a oportunidade única de privar com uma pessoa que era, de facto, uma figura de destaque na sociedade portuguesa e que nela se evidenciou pelas inúmeras qualidades de que estava dotado.

Inteligente, simpático, elegante, tranquilo, desenvolto, fino, transportava com ele uma inquietação constante e um interesse permanente por tudo o que era novo e por tudo o que podia constituir uma resposta nova aos problemas com que hoje se defrontam as sociedades modernas, que tão bem sabia identificar e analisar. Era capaz de passar horas a discutir um tema que lhe interessava e que encaixava nas suas preocupações, fosse um livro de ficção científica, uma questão relacionada com doenças estranhas, um romance de Conrad ou de Naipaul, a descrição de um espaço geográfico exótico como o Okavango ou ainda um plano estratégico para formação de professores do ensino básico num País Africano. Gostava de viajar na asa do tempo, tinha um raro sentido de humor, era arguto e irónico, um tudo-nada céptico, apreciava a Vida e tinha como lema da sua actuação, enquanto cidadão e enquanto alto responsável por um sector de actuação da



1981 – Com o Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano.



2000 – Acompanhado por Eduardo Marçal Grilo durante a visita de Miguel Trovoada, Presidente de S. Tomé e Príncipe, à Fundação.

Fundação Gulbenkian, fazer com que o maior número de pessoas pudesse ter acesso às coisas que a Vida pode proporcionar, o que o levou a definir um conjunto de prioridades de que nunca abdicou – combater a pobreza e a ignorância, promover os cuidados de saúde, apoiar os idosos e todos os desprotegidos e desfavorecidos que não têm voz, embora tantos queiram falar por eles. Não tinha, no entanto, uma perspectiva caritativa quando lançava ou apoiava uma iniciativa. Pelo contrário, preocupava-se com uma visão desenvolvimentista e era exigente em relação aos protagonistas de qualquer processo, mostrando-se implacável com a mediocridade e a mediania. Tinha um raro sentido político, o sentido de dever pesava nele acima de tudo e impressionava pela facilidade, leveza e elegância da sua escrita. O aprumo, o talento e o fulgor da sua pena tinham, por demais, brilho próprio. Os valores da liberdade e da democracia, pelos quais nutria um enorme respeito, pautaram constantemente o seu comportamento e a sua actividade ao longo da vida. Sendo português, sempre valorizou as suas raízes africanas e dedicou boa parte do seu tempo na Fundação Gulbenkian a conceber e a estimular programas e projectos potenciadores do desenvolvimento deste Continente e, especialmente, dos Países de Expressão Portuguesa deste espaço geográfico. Foi um grande pensador da política de cooperação para o desenvolvimento e associou esse pensamento à prática, quer na sua curta carreira política - que desempenhou com brilhantismo, aprumo e saber - quer, sobretudo, nas actividades que promoveu na Fundação.

Tinha tudo por si, o talento multiforme, a sugestão da palavra, a visão das realidades, a rapidez do entendimento, o poder de reflexão e, para além dos dons de uma inteligência poderosa, o bom senso e o sentimento de dever.

Dedicou a maior parte da sua vida à Fundação Calouste Gulbenkian, onde tão intensamente viveu e à qual deu o melhor de si, ajudando a construir uma instituição sólida e competente, que é uma referência poderosa na sociedade portuguesa e altamente prestigiada no Mundo. Ao assumir o cargo de Presidente desta instituição em Dezembro de 1998, empenhou-se na sua renovação de forma a que se modernizasse para poder responder aos desafios do presente século e continuasse a ter uma intervenção preponderante ao serviço do bem comum. Foi sempre um estudioso profundo da natureza e da missão das Fundações e estava, por isso, especialmente bem colocado para definir e fazer prosseguir os objectivos desta casa, que tanto amou.

A morte, prematuramente ocorrida, não o deixou concretizar o programa de renovação que tinha traçado e que tinha iniciado com grande dedicação e empenho. Mas Victor de Sá Machado deixou obra que lhe sobrevive e, sobretudo, importante e engenhosa mensagem que poderá ser continuada e renovada. Todas estas circunstâncias bastam para que ao sentimento de respeito resultante de um tão elevado exemplo, se alie a evocação de uma estima profunda que sempre tivemos como uma honra dedicar-lhe. Terminamos com esta nota pessoal expressa nesta palavra que diz tudo: perdemos um Amigo. ■

VICTOR DE SÁ MACHADO E A SAÚDE EM PORTUGAL

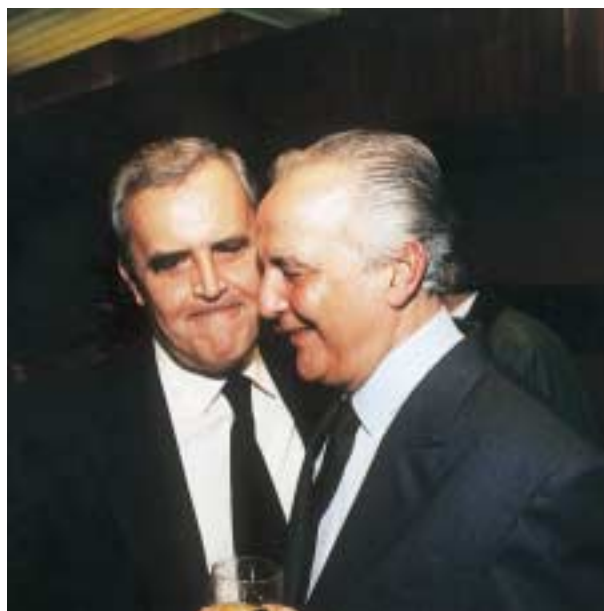
MANUEL RODRIGUES GOMES

Director do Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano

O Dr. Victor de Sá Machado, recentemente falecido, foi, além de Presidente da Fundação Gulbenkian, Administrador do Pelouro da Saúde e Protecção Social da Fundação desde Abril de 1970, com excepção do intervalo de Julho de 1975 a Fevereiro de 1979, em que ocupou lugares públicos.

Teve durante estes longos anos uma acção notável no desenvolvimento da Saúde em Portugal. Tendo iniciado a sua actividade de Administrador numa época em que os hospitais portugueses tinham carências enormes em equipamentos, fez com que a Fundação Gulbenkian contribuísse de uma maneira decisiva para a melhoria das condições de trabalho nos hospitais, oferecendo, ao longo dos anos, os primeiros equipamentos de tomografia axial computadorizada, equipamentos de Raios X de todo o tipo, incluindo vários mamógrafos e variadíssimo equipamento para Blocos Operatórios. Foram oferecidos mais de quatrocentos aparelhos de ecografia. Criaram-se numerosas Unidades de Cuidados Intensivos Coronários, Respiratórios e, mais recentemente, de Acidentes Vasculares Cerebrais. Foram equipados Serviços de Urgência de muitos hospitais, salas de ressuscitação, etc., etc. O grande progresso da cirurgia cardíaca deveu-se, em grande parte, ao apoio da Fundação, bem como a transplantação renal, do coração e do fígado. O equipamento inicial para a cirurgia laparoscópica e numerosos aparelhos de Laser foram oferecidos igualmente pela Fundação.

A lista de equipamentos concedidos pelo Pelouro da Saúde, sob a administração do Dr. Victor de Sá Machado, é interminável e ascende a milhões de contos. Muitos destes equipamentos corresponderam à introdução de novas técnicas no nosso País. Não deve haver nenhum hospital que, de uma maneira



Dezembro de 1998 – Na tomada de posse, com Manuel Rodrigues Gomes.

ou de outra, não tenha sido ajudado graças à compreensão de um homem tão sensível e motivador. A Fundação Gulbenkian concorreu, assim, decisivamente, para o desenvolvimento da fase tecnológica dos cuidados de saúde. O Dr. Victor de Sá Machado sentiu também a necessidade de haver médicos treinados para rentabilizar os equipamentos concedidos, tendo sido atribuídos subsídios a centenas deles para estágios no estrangeiro, a fim de se familiarizarem com o seu modo de funcionamento. Embora os subsídios se destinassem unicamente a Instituições Públicas, o treino que os médicos adquiriram nesses hospitais permitiu ainda uma melhoria, impossível de medir, na área da medicina privada. Pode afirmar-se que, não fora a acção da Fundação Gulbenkian, sob a orientação do Dr. Sá Machado, a Medicina Portuguesa encontrar-se-ia significativamente mais atrasada.



Agosto de 1973 – Visita ao Serviço de Oftalmologia do Hospital Central Miguel Bombarda de Moçambique.



Dezembro de 1998 – Fórum Gulbenkian de Saúde, sendo conferencista o Professor David Barret, da Clínica Mayo (EUA).



Outubro de 1999 - Assinatura de Protocolo com o IPATIMUP do "Estudo Epidemiológico do Carcinoma da Tiróide em Doentes com Bócio", com o Vice-Reitor da Universidade do Porto, Daniel Moura.



Maio de 2000 – Assinatura do Protocolo do Rastreo do Cancro da Mama, com José Cardoso da Silva, Joaquim Gouveia e José Cabeças.

Com o aumento dos investimentos do Estado na Saúde, o Dr. Victor de Sá Machado teve, muito precocemente, a percepção de que as grandes dificuldades da Medicina em Portugal passaram a derivar, fundamentalmente, de problemas de organização e de gestão. Foi o grande impulsionador do Fórum Gulbenkian de Saúde, onde autoridades estrangeiras fazem conferências relacionadas com estes temas. Orientou o Serviço de Saúde de maneira a actuar de uma maneira pró-activa, indo de encontro às grandes necessidades da Medicina Comunitária, da Medicina Paliativa e da Medicina Domiciliária, subsidiadas com muitos milhares de contos nos últimos anos. Homem de uma sensibilidade extrema, teve sempre como grande preocupação tudo quanto concorresse para a Humanização dos cuidados de saúde. Dizia sempre que a actividade do Serviço devia concorrer para a melhoria da acessibilidade, da equidade e da qualidade dos cuidados de saúde. A ajuda ao Ser Humano fragilizado pela doença era sua preocupação constante. Orientou o Serviço de maneira a que a grande maioria dos subsídios da Fundação nesta área passassem a ser concedidos por concurso, dando igualdade de condições a quantos se quisessem candidatar. Opunha-se frontalmente ao clientelismo. O importante era o mérito.

Sendo jurista, o Dr. Victor de Sá Machado foi Doutor *Honoris Causa* por duas Faculdades de Medicina Portuguesas, como sinal de reconhecimento do seu mérito pelo muito que fez pela Saúde em Portugal. Era um homem ímpar pela sua inteligência, pela sua cultura, pelo rigor que punha em tudo quanto fazia e pela procura da justiça. Dedicou toda a sua vida à Fundação Gulbenkian, que modernizou e actualizou.

Embora muitos conheçam as múltiplas actividades do Dr. Victor de Sá Machado, é da maior justiça torná-las públicas, para que possa ser valorizado devidamente na sua grandeza e humanismo.

A coragem invulgar com que lutou contra a doença prolongada que o vitimou, constituiu um exemplo para todos que lidaram de perto com ele.

A sua morte foi uma perda para o País. Para quem com ele colaborava de perto, como nós, deixou a saudade e a falta irreparável de uma personalidade ímpar. ■

TOMADA DE POSSE

DISCURSO DO PRESIDENTE

VICTOR DE SÁ MACHADO

DEZEMBRO DE 1998



Cerimónia da tomada de posse de Victor de Sá Machado como Presidente da Fundação.



Aníbal Cavaco Silva e José Fonseca e Costa na sessão de cumprimentos.

“[...] Assumimos a presidência e a administração da Fundação em condições de liberdade e independência totais, sem que sobre nós se exerçam quaisquer ilegítimas pressões. Gozamos de um relacionamento fácil, cordial e civilizado com o Governo da Nação, que em nós vê uma polarização e um protagonista importante da sociedade civil e que por saber que a missão de interesse público eminente que prosseguimos só pode cumprir-se cabalmente em condições de completa liberdade e independência, as respeita e protege.

Fazendo-o, o Governo presta homenagem a uma das qualidades que a Fundação legitimamente reivindica: a de se perfilar como um dos mais importantes baluartes da sociedade civil portuguesa, titular de uma história e de uma constância ao serviço do bem comum que lhe conferem o enorme estatuto de que goza junto da opinião pública e a que não é estranho naturalmente o seu carácter apartidário e a sua objectividade. [...] É na renovação deste compromisso ou empenhamento social, no congregar das energias soltas e da iniciativa dos cidadãos, na repescagem de conceitos como solidariedade, ajuda mútua e voluntariado, enquanto malhas de um novo tecido de auto-organização societal, substitutiva de soluções administrativas burocratizadas e impessoais do Estado, que o concurso das

organizações emergindo da sociedade civil, vem desempenhando um papel cada vez mais importante, suplementando ou complementando a acção dos governos, em alguns dos mais sensíveis aspectos das problemáticas públicas. Qualificam-nas para tanto a sua independência, a sua maior proximidade em relação às pessoas, e sobretudo a sua capacidade para assumir o risco, a experimentação e a novidade. [...] Assim como do exterior nos não vem qualquer ilegítima pressão, como tive oportunidade de notar, tão pouco algum constrangimento nos tolhe do ponto de vista interno: contamos com um corpo de trabalhadores confiantes, os nossos departamentos e serviços funcionam normalmente; a solidez financeira da instituição é uma realidade que não é abalada senão à superfície pelas turbulências dos mercados à volta do mundo. [...] Penso, bem pelo contrário, que nos encontramos no patamar de grandes transformações e desenvolvimentos, os quais temos de encarar com firmeza e coragem: mais do que qualquer outra organização, as Fundações devem ser portadoras de uma inquietação permanente no que respeita às suas certezas: porque estão ao serviço da sociedade no seio da qual se movem, devem estar atentas aos sinais e aos estímulos e fazer com permanência um realinhamento de estratégias e intervenções para responder



Com o Ministro do Trabalho e da Solidariedade, Eduardo Ferro Rodrigues.

com adequação e no tempo próprio a esses sinais e a esses estímulos. E responder no tempo próprio é para as Fundações ter de responder muitas vezes num tempo ainda e só adivinhado, porque para as Fundações o tempo próprio é o próprio do futuro.

Quero com isto dizer que a Fundação Gulbenkian vai retomar com maior empenho a reflexão a que tem vindo a proceder ultimamente embora de modo intermitente. O objectivo dessa reflexão é o de encontrar os processos para se reposicionar face aos desafios do próximo século: em primeiro lugar, para ganhar uma agilidade que hoje lhe falta e que passa certamente por maior eficiência administrativa, maior rigor no cumprimento do orçamento, melhor definição de prioridades, melhor aproveitamento dos recursos humanos, distribuição mais equitativa das dotações orçamentais, maior coerência e unidade nos critérios de definição dos serviços ou departamentos. Passará igualmente pelo questionar da pertinência e relevância de intervenções que podem ter sobrevivido às necessidades que visavam colmatar, bem como por uma compreensão reavivada da natureza da sua intervenção na plataforma pública onde é admitida a actuar, a qual deve ter a intenção sobretudo de demonstrar a possibilidade de fazer e o tempo de vigência apenas necessário para que a sua substituição



Mário Soares.

ocorra logo que alternativa credível e suficiente se perfilar.

As Fundações são, na sua essência, capitais de risco, isto é, capitais que podem e devem ser aplicados nas iniciativas que façam avançar o conhecimento, aceitando margens de probabilidade e contingência que o Estado, por exemplo, não pode arriscar. A insistência em opções que tiveram por causa conjunturas e necessidades sociais, de sua natureza, temporárias e resolúveis, não é uma política aceitável para uma Fundação, para quem a experiência e o risco, volto a repeti-lo, são passos necessários de uma metodologia própria que é justificativa, no fundo, das prerrogativas do seu estatuto. Esta consideração estará presente na reflexão que a Fundação deve permanentemente fazer, em ordem a detectar e suprimir as redundâncias e a travar o natural conservadorismo das rotinas. Uma maior eficiência administrativa, por seu turno, obrigará a travar a progressão dos custos fixos, que ameaça subverter toda a liberdade de opção e no extremo a diminuir drasticamente a distribuição, que é a forma natural de a Fundação contribuir, de maneira descentralizadora, para o desenvolvimento do país, o fortalecimento das estruturas próprias da sociedade civil e nessa medida para o aprofundamento e o fortalecimento da própria democracia.

Estas considerações introduzem dois temas que penso não dever deixar de pelo menos referir: o do carácter desejável da intervenção da Fundação - activo ou reactivo - e a questão das chamadas actividades directas. No que toca à primeira questão, importa dizer desde logo que uma eventual e mais desejável postura pró-activa da Fundação não significa necessariamente uma intervenção prestadora de serviços, excludente do financiamento que seria, nessa visão, a modalidade correspondente à postura reactiva ou passiva. Para lá da constatação elementar que grande parte das maiores fundações são a um tempo activas e reactivas, a verdade é que as Fundações *grant-giving*, para utilizar uma expressão própria da tipologia anglo-saxónica, e que constituem a maioria das grandes Fundações mundiais são na realidade pró-activas, embora concedam apenas financiamentos, não tendo actividades directas senão em medida menor ou esporádica. Nestes casos, a pró-actividade da Fundação quer dizer - o que não é pouco - que a Fundação não distribui ao acaso os seus dinheiros: não actua directamente, mas só financia o que pretende ver realizado, ou por outras palavras, apenas aprova e apoia as iniciativas que integrem ou satisfaçam as grandes áreas de projecto que compõem a sua agenda estratégica. Esta perspectiva reúne o melhor das duas posturas: a Fundação não se substitui, fazendo, aos que devem ser os verdadeiros actores do processo de desenvolvimento, isto é, os seus interessados directos, cidadãos ou comunidades, mas porque, como entidade com função e obrigação racionalizadora, sabe o que quer e o que, nessa perspectiva de elevada racionalidade, melhor corresponde ao bem público ou ao objectivo de interesse social prosseguido, circunscreve a área em que deseja concentrar o seu esforço financeiro ou os seus subsídios. Esta metodologia avança significativamente, em termos de maior racionalidade e rendimento, a tradicional focagem em grandes áreas abstractas de competência - Educação, Artes ou Ciência - substituídas por zonas de projecto, metodológica e estrategicamente mais ricas e concentradas, e operacionalmente mais susceptíveis de capacitação e modernidade. Mas, importa sublinhar, ainda e sempre, a Fundação

opera pela via da concessão de financiamento para promoção e apoio de actividades de terceiros, com vista em último termo à obtenção do valor acrescentado que é, para além do resultado directo da acção, o aumento e o reforço da organização e do grupo, da instituição ou da escola, do desenvolvimento, em suma, e com vista, por essa via, ao reforço da sociedade e da própria democracia. No entanto, importa dizê-lo, para não deixar desprotegidas pretensões valiosas embora periféricas relativamente às suas áreas de projecto, a Fundação manterá, naturalmente, uma margem de reactividade significativa. [...] Deste rápido passar em revista de algumas das acções da Fundação e para além do que ficou dito ou intuído quanto à conveniência em não abandonar uma reflexão útil sobre a bondade das metodologias ou tipologias de intervenção, resta, como problema maior, que deverá ser considerado e que vai certamente ser objecto de atenção e de correcção progressiva, o da disparidade nas atribuições financeiras ou orçamentais para os vários fins estatutários. Nada, nos estatutos, permite inferir qualquer hierarquização desses fins, o que faz jus à sabedoria do fundador e do seu consultor jurídico que, prescientemente, deixaram para os sucessivos conselhos de administração o julgamento das prioridades propostas pela sociedade portuguesa e que não podem, naturalmente, ser definidas de uma vez para sempre. A esta luz, a presente distribuição não parece corresponder a um adequado posicionamento da Fundação no que toca ao cumprimento das suas responsabilidades estatutárias nos tempos que vêm. Há que olhar para esta questão com cuidado, para que, com cuidado, se vão introduzindo as correcções necessárias. [...] Penso, na verdade, ser meu dever, neste passo da caminhada da Instituição, dar publicamente conta que temos consciência da necessidade de um *aggiornamento* que não deve ser entendido como qualquer crítica, mesmo leve, ao que se fez no passado, próximo ou remoto: mas antes como, ainda e sempre, uma constatação elementar de que o tempo caminha inexoravelmente, e que o nosso tempo, este tempo, é globalmente um tempo de mudanças e de mudança.[...]” ■

AS FUNDAÇÕES, A OPINIÃO PÚBLICA E A SOCIEDADE CIVIL

VICTOR DE SÁ MACHADO
FACULDADE DE DIREITO, UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ABRIL DE 1998

[...] A questão tem a importância que as Fundações alcançaram no nosso quotidiano e no nosso mundo, como protagonistas do processo de desenvolvimento humano, particularmente interessantes por se organizarem como um corpo de ordenações privadas identificando problemas de natureza pública, estabelecendo fins e prioridades e aplicando recursos e fundos à resolução daqueles problemas e fins de carácter público geral. Como escreve alguns Paul Yvilsacker a propósito das Fundações americanas, a estas instituições privadas, e como tal tratadas pela lei, foi concedida uma “licença para caçar” em domínios públicos, para participarem no que convencionalmente tem sido olhado como exclusivamente governamental e público. E têm-no feito, de maneira tão abrangente e multifacetada, que tornaram a filantropia moderna, planificada e profissionalizada, uma força efectiva, que não é possível ignorar no âmbito global do desenvolvimento das sociedades. [...] A invocação da opinião pública, e a atribuição que me permito fazer-lhe de uma responsabilidade de creditação das Fundações, tem a ver, não com qualquer súbito e deslocado desejo de protagonismo que chocaria com a tradicional e cultivada discrição das Fundações, sobretudo das maiores e mais poderosas que gostam de pensar-se como gigantes tranquilos, mas com o facto elementar de que, devendo o seu reconhecimento e eventuais benefícios, fiscais ou outros, de que possam gozar, à sua vocação e capacidade para operarem sábia e eficazmente em favor do interesse e do bem público, as Fundações são efectivamente instrumentos da sociedade de que emergem e têm de reconhecer-se nela e ser por ela reconhecidas e julgadas. [...] [...] as Fundações são na maioria dos países “promotores” importantes da formação das elites, da formulação de novas ideias, de avanços significativos no processo do conhecimento,



através do apoio concedido para formação académica avançada, para criação e melhoria de universidades e centros de investigação, para realização de projectos experimentais ou piloto, base de futuras realizações públicas. É evidente que as Fundações, por força justamente desta possibilidade que lhes é dada de trabalharem sobre problemáticas públicas, apoiadas como são em recursos consideráveis, sentem-se naturalmente - e devem senti-lo - moralmente obrigadas a tratar e discutir, com o grau de exigência e qualidade requerido, os problemas que são centrais ou prioritários nas sociedades de que são entrepostos de racionalidade e ao serviço de que estão efectivamente. Se o tratamento dessas questões, que têm a ver com a saúde, a educação, as artes, o ambiente, a modernização e também com a governabilidade, a organização social, a economia, etc., for considerado útil e pertinente pelos poderes públicos, em razão da sua qualidade e relevância, absurdo seria que não fosse tomado em conta[...]” ■

MENSAGEM DE ANO NOVO AOS TRABALHADORES DA FUNDAÇÃO

VICTOR DE SÁ MACHADO
JANEIRO DE 2001

“[...] Há um ano atrás, aproveitando a feliz circunstância do encontro de fim de ano com os trabalhadores desta Casa, pensei que era apropriado dar-lhes conta da medida em que a prometida agenda estratégica tinha conhecido concretização. Ao fazê-lo, cumpria o dever de quem tinha prometido um programa: mas mais do que isso, queria significar às pessoas que aqui trabalham que ninguém isoladamente é responsável pela actividade da Fundação: há de certo graus de responsabilidade diferenciados, mas no fundo, todos somos responsáveis pelo que esta casa faz, por que a sua actividade é uma aventura colectiva, de que todos, do mais modesto ao mais responsável, somos sujeitos e autores. [...] Mas de 99 para cá, outras coisas aconteceram na Fundação, todas elas conducentes em último termo ao objectivo último que anima a renovação física e cultural da nossa Casa: e que consiste numa mudança de paradigma, relativamente ao seu posicionamento e à sua intervenção. Na verdade e como o tenho afirmado múltiplas vezes, pretendemos que a Fundação seja cada vez mais um organismo vivo da sociedade civil portuguesa: para tanto, tem de respirar em uníssono com essa mesma sociedade e possuir uma transparência que torne possível a todos compreender em cada momento o que estamos a fazer, como e porquê.

O que implica para a Fundação maior responsabilidade na afirmação da sua peculiar natureza, na interpretação e compreensão das expectativas da sociedade em redor, uma maior independência relativamente a outros potenciais intervenientes na problemática pública em que age, e o assumir-se como centro de racionalidade, onde os problemas que avultam na agenda pública sejam pensados e equacionados com vista



à procura das soluções que contribuam para um mais acentuado progresso do nosso país. [...] Expressão igualmente dessa mudança, que desejamos cada vez mais perfilada, é constituída pela abertura da Fundação a novos problemas e a novas questões, que não fazem tradicionalmente parte do seu universo de preocupações ou de intervenção: como tive oportunidade de dizer ao Conselho, no âmbito da discussão aberta pela preparação do orçamento de 2001, ele próprio, já na sua fase de projecto, aberto à modernidade e à mudança por força das orientações estratégicas que presidiram a sua elaboração, vivemos, por força da globalização, da privatização progressiva, da lógica paroxística do lucro, um tempo que é sobretudo caracterizado pela multiplicidade de riscos, que não conhecem fronteiras e que desenham porventura, cumpre reconhecê-lo melancolicamente, a plataforma em que no mundo nos encontramos mais próximos um dos outros e somos mais passivamente solidários[...]” ■

DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*

FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO,
JUNHO DE 1987

ELOGIO DO CANDIDATO PELO DOUTOR ALEXANDRE ALBERTO GUERRA DE SOUSA PINTO:

“[...] Não é este o momento, nem o lugar, nem o orador adequado para fazer o merecidíssimo elogio da obra da Fundação Gulbenkian e apontar o seu eminentíssimo lugar na sociedade portuguesa: mas parece-me claro não ser possível dissociar a vida e a obra do Dr. Victor de Sá Machado da Fundação Gulbenkian.

Volto a Brecht: «Um homem verdadeiramente superior é como uma campainha. Se tocarem, ele toca, se não tocarem ele não toca...».

Foi exactamente no cenário dessa Fundação Gulbenkian que tocaram, e desse modo a personalidade superiormente solidária do Dr. Sá Machado encontrou meios para se exprimir, partindo da percepção exacta da dignidade perturbada das pessoas e povos em estado de necessidade, que

lhe foi dada pelo seu nascimento e infância africanos, contraposta à sua experiência pessoal directa das insuficiências e injustiças do tratamento burocrático dispensado cegamente pelos Estados aos cidadãos, que experimentou durante a sua educação universitária em Coimbra. Foi repito, na Fundação Calouste Gulbenkian que o Dr. Sá Machado pôde desenvolver uma obra e expandir o seu espírito até às culminâncias que lhe dão o direito de hoje aqui receber o grau de Doutor, que solicita[...] Espírito tolerante, recatado e modesto, o Dr. Sá Machado não fez das discriminações de que foi vítima no anterior regime, título de glória para progressão neste. Pelo contrário, esqueceu



Junho de 1987 – Na cerimónia de Doutoramento *Honoris Causa*, com Daniel Serrão.

o incidente sem ressentimentos, demonstrando uma tolerância sem limites, e um espírito verdadeiramente aberto e generoso que abrange até aqueles que o pretendem prejudicar. Lançou-se ao trabalho na Fundação, primeiro como adjunto do Prof. Ferrer Correia, mais tarde como director adjunto directo do presidente, Dr. Azeredo Perdigão, e, a convite deste, como administrador a partir de 1969.

No Conselho de Administração, cedo ficou entregue do pelouro da Saúde e Protecção Social que conjugou desde 1963 com os serviços dedicados aos países africanos. [...] Mas foi na fecunda conjugação da sua acção nos dois serviços da Fundação Gulbenkian que o Dr. Sá Machado

criou as condições para edificar uma obra de grande expressão no domínio da Medicina, mais especificamente nos domínios da organização da assistência médica[...] Longa foi a enumeração das acções levadas a cabo ou apoiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian sob o impulso fecundo do Dr. Victor de Sá Machado. Para todos os sectores tocados foi definida uma estratégia e concebidas políticas frequentemente expostas quer directamente a quem procurava os seus serviços quer em publicações que foi fazendo ou em intervenções públicas de índole diversa. Estratégia e políticas que foram sistematicamente executadas, com firmeza cortez e tolerante determinação. Contar-se-iam por muitos milhões as pessoas directamente beneficiadas por acções assistenciais apoiadas pelos Serviços da Fundação Gulbenkian e orientadas pelo Dr. Sá Machado. Na enorme diversidade da sua intervenção, na

África e na Europa, uma constante: a solidariedade com aqueles que sofrem doença ou ignorância, sem discriminação de raça, credo, cor ou ideologia política[...] A impressionante obra do Dr. Sá Machado, no domínio da assistência médica em Portugal dar-lhe-ia, por si só, o direito ao título de Doutor em Medicina. Mas mais impressionante ainda é a sua profunda obra de solidariedade médica e social com os povos africanos de expressão portuguesa em que milhões de homens em estado de necessidade e sofrimento, por doença, fome e ignorância foram aliviados por acções concebidas, organizadas, desencadeadas e tantas vezes acompanhadas pessoalmente pelo Dr. Sá Machado. Esta obra dá-lhe em meu entender, direito ao título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto, esta Universidade que fez da cooperação com os povos africanos uma das suas preocupações no seu 75º aniversário[...]" ■

DISCURSO DE AGRADECIMENTO

VICTOR DE SÁ MACHADO

“[...] Homem modesto, a quem o gosto da Liberdade terá condenado à solidão dos que não têm grupo, e nesta medida só não espectador, porque e enquanto comprometido com a realidade em volta, nos limites ditados mais pela dor dos outros que por razões próprias, consciente estou eu da fragilidade dos méritos com que me apresento perante vós. Consola-me apenas a consciência de que não é sobretudo a mim pessoalmente que a Universidade pretende distinguir nesta hora: mas o protagonista de uma acção cuja responsabilidade maior largamente me transcende porque, com justiça, pertence à Instituição que sirvo, aos ideais que a inspiram, ao espírito que a criou e a anima. Se virtude em mim existe que mereça ainda recompensa essa é, apenas, a de ter percebido a pulsão desse espírito e perscrutado a sua íntima coerência; uma pulsão e uma coerência que são, a um tempo, simples e complexas: porque

se analisam, no fundo, no mandamento elementar de amar o próximo, de não ser indiferente à sua condição, de olhar em volta com o sentimento de que todos partilhamos o milagre e a tragédia de estar vivos, num universo e sob céus – ai de nós – tantas vezes mudos. O que distingue as Fundações e deve constituir a primeira característica dos homens que as servem – mais que o conhecimento específico desta ou daquela área – é, em primeiro lugar, essa percepção fina, quase dolorosa, de que o importante é a pessoa humana e que o homem, mau grado o enorme poder que um desenvolvimento tecnológico espectacular colocou nas suas mãos, continua a não ser mais do que o bicho da Terra, tão pequeno, sujeito a tanta tormenta e tanto dano, tanta guerra e tanto engano, que tornam a sua condição precária e frágil e nessa medida, tão preciosa e tão rara, a insólita maravilha de estar vivo[...]" ■

VICTOR DE SÁ MACHADO HOMENAGEADO EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Uma homenagem pública a Victor de Sá Machado foi promovida em São Tomé e Príncipe por um grupo de amigos e ex-bolseiros da Fundação, reunindo membros do governo, deputados e diversas personalidades da vida política, social e artística santomense, incluindo o ex-Presidente da República, Miguel Trovoada. Tratou-se de um gesto de reconhecimento pelo papel desempenhado ao longo de muitos anos por Sá Machado na formação de quadros e desenvolvimento daquele país. Realizou-se, assim, no dia 11 de Maio de 2002 no Museu Nacional, um “Nozado Cultural” que contou com o testemunho de vários amigos, a actuação do grupo Tchiloli, leitura de poemas, orações, entre outras actividades culturais. O escritor Albertino Bragança leu na ocasião o seguinte texto:

Evocação de Victor de Sá Machado

“Na produção deste texto – homenagem, em evocação da saudosa figura do Dr. Victor de Sá Machado, deparo-me desde logo com uma vultuosa dificuldade: como abarcar, em texto que se pretende necessariamente conciso e breve, a personalidade vincada de um homem íntegro, coerente nas suas posições e que durante toda a sua vida deu tamanho testemunho de aturado sentido de solidariedade e de cidadania? De facto, no registo das suas mais gratas memórias, os que com ele conviveram nunca se poderão dissociar da imagem de um homem elegante, de fino trato e palavra fácil, que conseguiu como poucos articular o pensamento e a acção numa unidade coesa, tanto um como a outra comprometidos com o destino dos seus concidadãos. Homem de convicções e múltiplos interesses

culturais, o Dr. Victor de Sá Machado concebia o mundo como um espaço aberto e amplo em que as culturas se encontram e confraternizam, através de um diálogo expurgado das inquietudes, intolerâncias e egoísmos que desvalorizam o quotidiano comum dos povos, num mundo de imposturas e tragédias silenciadas, «onde a vivência ameaça transformar-se no mais perigoso dos equívocos».

Relembro, a propósito, um episódio que me impressionou muito profundamente, ocorrido, creio, em 1983, durante uma das suas visitas a S. Tomé e Príncipe. Passeando em noite calma pela Av. da Independência, em companhia dos Srs. Drs. Victor de Sá Machado e Marçal Grilo, eis senão quando o nosso homenageado se vira, de súbito, para este último e se lhe dirige em tom inquiridor: «Já reparou, senhor doutor, que a música africana, não obstante a multiplicidade dos sons, é cheia de silêncios?»

Confesso que a pergunta, pelo seu ineditismo, despertou em mim inusitada e ávida curiosidade. É certo que o Prof. Marçal Grilo, homem de cultura e de um saber multifacético, concedeu resposta mais ou menos ajustada à questão que lhe fora colocada, mas, à laia de complemento, logo o Dr. Victor de Sá Machado lançou mão de sábia argumentação para enformar matéria tão subjectiva e controversa, o que me permitiu, ainda que com ele pudesse estar em desacordo, tomar contacto e apreciar devidamente o enorme acervo de saber de que com ela conseguira dar mostras.

Um cidadão do mundo, mas também e sobretudo um cidadão da África, onde nasceu em Novembro de 1933, em Angola.

Essa ligação sentimental, essa reconhecida empatia com os países africanos, em especial

os de língua oficial portuguesa, de que foi um dos mais destacados apoiantes no âmbito da sua extraordinária e prolongada acção na Fundação Calouste Gulbenkian, nunca a deixou submergir ou passar ignota, antes fazendo dela o húmus fomentador de um relacionamento de décadas, como se as elevadas funções a que se foi progressivamente guindando na prestigiosa instituição mais não fossem do que um instrumento, um pretexto útil para lhe dar vazão e consistência.

Desaparecido que foi Victor de Sá Machado, fácil nos é admitir que o mundo se tornou para nós um pouco mais estreito, porque partiu

o amigo das horas boas e más, o homem que proporcionou a não poucos o lado luminoso da vida e cuja súbita ausência nos faz hoje conviver com a mais sublime consternação e saudade. Que a obra por si encetada em prol dos PALOP na respeitável instituição que quase se confunde com a sua vida, a Fundação Calouste Gulbenkian, possa ter a devida continuidade e que nós, ex-bolseiros e amigos de Victor Sá Machado sejamos capazes de honrar a sua memória, pugnano pelos ideais da compreensão, do convívio são, da fraternidade e da paz, que constituíram resolutamente o cerne da sua apaixonante visão do mundo.”■

IBMC INAUGURA LABORATÓRIO VICTOR DE SÁ MACHADO

O Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC) da Universidade do Porto inaugurou o Laboratório Victor de Sá Machado, dedicado ao ensino pós-graduado, numa homenagem ao antigo Presidente da Fundação. Na cerimónia realizada no dia 23 de Maio passado, foi destacado o apoio que Victor de Sá Machado sempre dedicou às áreas da educação, primeiro como Administrador e depois como o Presidente da Fundação. Segundo a investigadora Maria de Sousa, do IBMC, esta homenagem teve como objectivo perpetuar o nome de Sá Machado junto das gerações futuras de investigadores. O novo laboratório, com capacidade para doze alunos, integra o Programa Graduado em Áreas

de Biologia Básica e Aplicada que a Universidade do Porto está a desenvolver com a participação da Faculdade de Medicina, Faculdade de Ciências, do Instituto de Patologia e Imunologia Molecular e do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, contando ainda com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Este programa tem laboratórios de ensino em todas as instituições que nele participam, tendo a Fundação Gulbenkian, este ano lectivo, subsidiado a criação de um laboratório para o ensino pós-graduado no IBMC. Segundo Maria de Sousa, o mínimo que o Instituto poderia fazer para demonstrar o seu apreço era associar o nome de Victor de Sá Machado a este laboratório.■

Fonte: Lusa on-line



VICTOR DE SÁ MACHADO
1933-2002



Reunião dos fundadores do CDS em Sesimbra.



Conferência no IDL – Instituto Amaro da Costa, de que foi presidente.



Maio de 1978 – Com o Rei de Espanha Don Juan Carlos.



Abril de 1986 – Mário Soares e a Delegação Presidencial que negociou o estatuto de Macau com a China.

Victor de Sá Machado dedicou a maior parte da sua vida à Fundação Calouste Gulbenkian onde ingressou, em 1960, pela mão de Ferrer Correia, para o Serviço de Educação. Mais tarde passou a exercer funções de Director-Adjunto do então Presidente José de Azeredo Perdigão. Em 1969 foi convidado a integrar o Conselho de Administração, assumindo a sua presidência entre Dezembro de 1998 e Abril de 2002. Entre os pelouros que assumiu na Fundação, destacam-se a Saúde e Desenvolvimento Humano e a Cooperação para o Desenvolvimento, áreas a que dedicou toda a sua inteligência, empenho e entusiasmo. Nascido em Angola em 1933, fez os estudos liceais em Sá da Bandeira, e licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu uma pós-graduação em Ciências Jurídicas.

Foi fundador e primeiro Presidente do Instituto Democracia e Liberdade, Presidente da Comissão Nacional de UNESCO (1976/78 e 1980/89), membro do Conselho Executivo do *International African Institute* e do Instituto Internacional *Jacques Maritain*. Assumiu ainda as funções de Representante Honorário do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, em Portugal.

Membro fundador do Partido do Centro Democrático e Social, Victor de Sá Machado foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte (1975/76) e deputado à Assembleia da República (1976/79), de que foi Vice-Presidente entre 1976 e 1978.

Foi Ministro dos Negócios Estrangeiros do II Governo Constitucional, em 1978, e Vice-Presidente do CDS.

A convite do Presidente da República Popular de Angola, acompanhou, como Observador Internacional, as eleições gerais naquele país, em 1992. Convidado pelo Presidente da República de Cabo Verde, participou nos trabalhos da II Cimeira de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que se realizou na Cidade da Praia, em 1998.

Foi membro fundador e Presidente do Movimento Humanismo e Democracia.

Victor de Sá Machado proferiu conferências nas seguintes instituições: Instituto de Defesa Nacional (Lisboa e Porto); Instituto de Altos Estudos Militares (Lisboa); Academia Militar (Lisboa); Universidades de Lisboa (ISE-CEDEP) e Universidade Católica (CEPCEP), em Lisboa; Universidade Nova de Lisboa; Universidade do Porto; Universidade Aberta; Universidade



1983 – Com o Presidente moçambicano Samora Machel.



1987 – Com o Presidente angolano José Eduardo dos Santos e José de Azeredo Perdigão



Janeiro de 1988 – Recebendo o Barão e a Baronesa Thyssen-Bornemisza, com José e Madalena de Azeredo Perdigão.



Julho de 1997 – Visita de Hillary Clinton ao Museu Gulbenkian.



Julho de 1997 – Com António Ferrer Correia e o Presidente da República, Jorge Sampaio após a inauguração do monumento de homenagem a José de Azeredo Perdigão.



Outubro de 1998 – Visita ao Museu Gulbenkian do Secretário Geral da ONU, Kofi Annan



Maior de 1998 – Seminário Internacional “Europa e Cultura”, entre Michèle Gendreau e Wole Soyinka.



Outubro de 1999 – Sede da OMS, em Genebra, na inauguração de uma estátua comemorativa do sucesso do combate à Oncocercose, com Jimmy Carter e Gro Brundtland.

de Coimbra; Universidade de Columbia (Nova Iorque) e Fundação Konrad Adenauer (Bona). Integrou missões Parlamentares às antigas R.F.A. e U.R.S.S.

Representou o Parlamento Português na Conferência dos Presidentes dos Parlamntos Europeus, realizada em Viena, em 1976.

Publicou «A Candidatura à Unesco e a Política Externa Portuguesa», da Editorial Inquérito, em Janeiro de 1989.

Em Portugal, foi agraciado com as seguintes condecorações: Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, Comendador da Ordem do Império, Grã-Cruz da Ordem do Mérito. No estrangeiro foi distinguido com a Grã-Cruz da Ordem de Santo Olavo (Noruega), a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul (Brasil), a Grã-Cruz da Ordem de Isabel a Católica (Espanha), Grande Oficialato da *Légion d'Honneur* e a medalha de Mérito, 1ª classe, de Cabo-Verde.

Recebeu o grau de Doutor *Honoris Causa* em Medicina pela Universidade do Porto e pela Universidade Nova de Lisboa, que assim lhe reconheceram o mérito e a generosidade solidária.

Foi casado com Cristina de Sá Machado deixa três filhos e três netos. ■



2000 – Com Mário Soares



Junho 2000 – Conferência “A Língua Portuguesa no virar do Milénio – Encontro com José Saramago”.



2000 – Visita de Xanana Gusmão à sede da Fundação.



Junho de 2000 – Com Frederico Mayor na Conferência internacional “Globalização, Desenvolvimento e Equidade”.



Abril de 2000 – Conferência presidida por Mikhail Gorbatchov na Fundação, no 10º aniversário do jornal “Público”.



Julho de 2001 – Reabertura do Museu Gulbenkian, estando presentes o Presidente da República, Jorge Sampaio, o Ministro da Cultura, Augusto Santos Silva, e o Secretário de Estado da Cultura, José Conde Rodrigues.



Dezembro de 1998 – Com a família na cerimónia de tomada de posse.

NEWSLETTER Nº 37. JULHO. 2002 ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Gabinete de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna, 45A - 1067-001 Lisboa • Tel. 217 823 217 / 66 • Fax 217 823 027
info@gulbenkian.pt • www.gulbenkian.org

DESIGN E PAGINAÇÃO NeroliDesign. José Teófilo Duarte e Luís Filipe Cunha Associados

FOTOGRAFIAS Acácio Soares, Agência Lusa, Carlos Coelho da Silva, Eduardo Gageiro, Júlio Almeida, Luiz Carvalho, Michel Claude, Nuno Vieira, Rui Ochoa

IMPRESSÃO Armazém de Papéis do Sado, Lda - Setúbal TIRAGEM 7000 exemplares

“Gostava de ser lembrado um pouco como o Presidente que abriu as portas à idade global[...]”

Victor de Sá Machado

Entrevista ao “Público” (29.05.2000)

“Uma das minhas preocupações é legar ao meu sucessor uma fundação mais ágil, com menos problemas, com mais plataformas de oportunidade.”

ibidem

“Esta nova Administração está a tentar fazer uma Fundação mais aberta – para os grandes temas, para o mundo, mas sobretudo para as pessoas, para as pessoas jovens, aquelas que ainda têm capacidade de se encantar com as coisas. A minha ideia é uma FCG mais atenta, com uma programação relacionada com as inquietações mais visíveis das novas gerações. Não quer dizer que façamos uma revolução. Embora haja vontade de renovar – não apenas nas atitudes, políticas e programações, mas também no próprio «setting» físico da instituição – tudo está a ser cumprido paulatinamente.”

Victor de Sá Machado

Entrevista ao “Diário de Notícias” (29.06.2000)



**FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN**

Av. de Berna, 45A 1067-001 Lisboa
Tel 217 823 000 Fax 217 823 021
info@gulbenkian.pt
www.gulbenkian.org